

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

  
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
LETRAS  
LISBOA

  
FCSH  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# GRAVURAS RUPESTRES DO NOROESTE PORTUGUÊS PARA ALÉM DAS ARTES ATLÂNTICA E ESQUEMÁTICA

Ana M. S. Bettencourt<sup>1</sup>

## RESUMO

Partindo da premissa de que a Arte Atlântica do Noroeste se caracteriza, apenas, por composições circulares e se desenvolveu durante o Neolítico-Calcolítico, e de que a Arte Esquemática de ar livre se individualiza, ainda que embrionariamente, em duas fases, sendo a primeira do Neolítico e Calcolítico e a segunda proto-histórica, foi possível isolar um grupo significativo de motivos gravados que se afastam de ambos os estilos e que serão alvo de estudo neste trabalho. Trata-se de um grupo, que por paralelos com objetos metálicos e motivos gravados nas estelas do Sudoeste ibérico, se pode inserir na Idade do Bronze, materializando, no Noroeste, novas cosmogonias de matriz mediterrânica e atlântica e aumentando a rede de lugares de significação colectiva experienciados pelas comunidades.

**Palavras-chave:** Noroeste de Portugal, Arte proto-histórica, Novas cosmogonias, Rede de lugares.

## ABSTRACT

Considering the assumption that North-western Iberian Atlantic Rock Art includes only cups and rings representations and was developed back to the Neolithic-Chalcolithic, and that open-air Schematic Rock Art can be individualised in two main phases, the first one dating back to Neolithic and Chalcolithic, and the second developed during protohistoric period, it was possible to isolate a significant group of recorded motifs in outcrops that differ from both these styles. These would be scrutinized in this work. Based on parallels established with metallic objects and recorded depictions identified in Iberian Southwest steales, it is possible to situate chronologically this group in the Bronze Age. From an interpretative point of view, they may materialise new cosmogonies based on Mediterranean and Atlantic origins, enlarging a network of places of collective meaning experienced by Northwest Bronze Age inhabitants.

**Keywords:** Northwest of Portugal, Protohistoric Rock Art, New cosmogonies, Network of places.

## 1. INTRODUÇÃO

Em texto recente foi defendida uma conceção restrita para a Arte Atlântica, considerando que esta designação se deve usar, apenas, para incluir composições circulares, por vezes interligadas por sulcos mais ou menos meandriformes. Ou seja, este estilo seria composto, essencialmente por círculos com covinhas centrais, círculos concêntricos, semicírculos concêntricos, espirais, labirintiformes e figuras geométricas ou grosseiramente geométricas preenchidas com nuvens de pontos (Bettencourt, 2017a; 2017b). Já a designada Arte Esquemática foi subdi-

vidida, ainda que embrionariamente, em duas fases hipotéticas: uma *Arte Esquemática Antiga* caracterizada por círculos simples, quadrados segmentados, alguns retângulos e antropomorfos esquemáticos, e uma *Arte Esquemática Recente*, com motivos em forma de U, ovais ou círculos abertos, por vezes com covinhas ou sulco no seu interior e falos (Bettencourt, 2017a; 2017b).

Tendo em conta estes pressupostos verificou-se a existência de uma grande variedade de motivos gravados nesta região, muitos deles de expressão geográfica mais ampla do que o Noroeste português, que tanto se gravaram isolados nas superfícies ro-

1. Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT), Departamento de História, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho; anabett@uaum.uminho.pt

chosas, como se associaram a figuras atlânticas ou esquemáticas. Por este motivo não se integram em nenhum daqueles dois grupos estilísticos, merecendo, por isso, reflexão especial neste trabalho. Referimo-nos, por exemplo, às armas, a alguns utensílios, aos círculos segmentados internamente, aos barquiformes, às paletas e objetos similares e aos podomorfos. Cada um destes motivos será analisado em termos formais, espaciais, topográficos, cronológicos e alvo de interpretação.

## 2. ARMAS, FERRAMENTAS, CÍRCULOS SEGMENTADOS, BARQUIFORMES, PALETAS E PODOMORFOS

### 2.1. Armas

Estão inventariados até agora 12 afloramentos gravados com armas (Santos-Estévez *et al.*, 2017; Bettencourt, 2017), além de referências a outros cuja interpretação dos motivos como sendo armas, suscita dúvidas. Tal é o caso das eventuais alabardas da Laje da Churra, Viana do Castelo (Santos, 2014) e da possível alabarda da vertente Este do Monte Faro, Valença<sup>2</sup> (Alves, 2014). Este acervo, além de ampliar a área de distribuição espacial destes motivos, até à bacia do Vouga, possibilitou perceber o seu grau de articulação ou não, com ou estilos de arte rupestre conhecidos no Noroeste.

Sintetizando, conhecem-se armas nas bacias dos rios Minho, Âncora, Lima, Neiva, Tâmega e Vouga. Na bacia do Minho destacam-se os casos do Monte da Laje (Cunha e Silva, 1980; Silva e Cunha, 1896; Alves 2013); da Costa da Areira 1 (Novoa *et al.*, 2006)<sup>3</sup>; da Costa da Areira 2 (Santos-Estévez *et al.*, 2017); da Barreira (Novoa e Costas Goberna, 2004), todos em Valença. Na bacia do Âncora as armas estão presentes na Bouça dos Feitos (inédito) e em Santo Adrião 1 (Bettencourt e Santos-Estévez, 2014; Santos-Estévez e Bettencourt, 2015; Santos-Estévez *et al.*, 2017), ambos em Caminha. Na bacia do rio Lima, conhece-se um punhal na Galga, Ponte de Lima (Loureiro, 2014; Santos-Estévez *et al.*, 2017; Bettencourt, 2017). Na bacia do Neiva, estes motivos estão gravados na Laje da Chã das Cruzes 1 (Santos-Estévez *et al.*, 2017) e,

2. Novoa *et al.* (2006, p. 42), considera este motivo como sendo a representação de um serpentiforme.

3. Os autores publicaram este afloramento com a designação de Santo Ovídeo – Martim, o que não corresponde à toponímia local.

eventualmente, nos Penedos Gordos (Bettencourt, 2017), ambos em Barcelos. Na bacia do Douro as representações de armas distribuem-se por vários dos seus afluentes. Tal é o caso do Penedo do Matrimónio, Montalegre (Bettencourt *et al.*, 2004; Gomes, 2004-2005), na bacia do Tâmega, um dos principais afluentes da margem norte do Douro, e na Fraga Marcada, São Pedro do Sul<sup>4</sup>, na bacia do Paiva, um importante afluente da margem sul do Douro (Silva *et al.*, 2017). Na bacia do Vouga, foi gravada uma arma na Sobidade, Vale de Cambra (Rodrigues *et al.*, 2014). O tipo de armas é diversificado. Conhecem-se representações de alabardas (com ou sem nervuras na lâmina), de punhais com diferentes tipos de cabos (alguns deles embainhados), de arcos e flechas, de espadas curtas e de pontas de lança, ou seja, de armas que parecem atravessar uma ampla cronologia, pelo menos, desde o Bronze Inicial até ao Bronze Final. No entanto, crê-se que a maioria das armas se deverá inserir na fase mais antiga, quer por paralelos, quer porque, à escala europeia, este tipo de fenómenos, normalmente ocorre quando é necessário afirmar uma nova imagética e a simbólica que se lhe associa<sup>5</sup>. Nesta etapa incluem-se as alabardas, a maioria dos punhais e, talvez, alguns dos arcos e flechas, por estarem presentes na estela de Longroiva, na Meda, atribuível, genericamente, a um momento antigo da Idade do Bronze (Jorge e Jorge, 1990). As representações de armas atribuíveis ao Bronze Médio e Final são em menor número. No Bronze Médio poderá inserir-se a espada curta de Santo Adrião 1, e ao Bronze Final, a ponta de lança da Barreira, Valença, tendo em conta as suas características formais (Bettencourt, 2013a, 2013b).

Alguns afloramentos com armas parecem ter sido gravados em mais do que um momento da Idade do Bronze, podendo ter estado em uso durante um período lato. Referimo-nos, por exemplo, ao caso de Santo Adrião 1 onde uma espada se adiciona a uma alabarda, com características de gravação distintas. Há, ainda, a assinalar a gravação de armas em época históricas. Tal parece ser o caso da Galga, em Ponte de Lima, onde um punhal da Idade do Bronze foi alterado dando origem a um outro de tipologia tardo-romana (Santos Estevez *et al.*, 2017). No entanto não se afigura como verosímil que as gravações de

4. As gravuras deste afloramento foram efetuadas através da técnica filiforme.

5. Sobre este assunto consultar Goldhahn (2014).

armas se tivessem verificado, ininterruptamente e de forma sistemática, desde a Idade do Bronze até períodos históricos, apesar da existência de fenômenos de convergência de gravação de armas, no mesmo lugar, e em cronologias distintas, cujo significado está por estudar (Bettencourt, 2017).

As armas tanto ocorrem associadas a motivos da Arte Atlântica (em sentido restrito), como a motivos de cronologia e estilo indeterminado, ou isoladas, numa diversidade de situações que também se verificam na Galiza (Fábregas *et al.*, 2009). No primeiro caso, inserem-se os *loci* do Monte da Laje e dos Penedos Gordos. No primeiro, as armas e os “esteliformes” que as acompanham foram gravados através de sulcos com características distintas dos que foram usados para delinear as composições circulares – aliás muito pouco perceptíveis. No segundo caso, o eventual arco e flecha associado a um antropomorfo e cervídeo esquemáticos, também foram gravados com sulcos com características distintas das composições circulares. De notar que esta composição se dispõe numa das extremidades do afloramento como se se tratasse de uma adição de sentidos em relação às gravuras pré-existentes. A registar, ainda, a Costa da Areira 1, onde, uma das alabardas se associa a um motivo ovalar, concêntrico e sem covinha central, muito mais visível do que a alabarda, e que se afasta dos círculos concêntricos da arte atlântica, parecendo antes, a representação de um escudo (Figura 1).

Associadas a motivos de cronologia e estilo indeterminado, encontram-se as alabardas da Costa da Areira 2 (onde ocorrem covinhas), o punhal da Bouça dos Feitos (inédito), a alabarda e espada de Santo Adrião 1, as alabardas e punhais da Chã da Laje das Cruzes 1 e o punhal da Sobidade. Alguns destes motivos poderão ser representações de estelas, como é o caso da Bouça dos Feitos, ou escudos, como na Chã da Laje das Cruzes (neste caso quadrado), mas a falta de estudos detalhados, torna estas sugestões carentes de confirmação. A ponta de lança da Barreira, associa-se a representações de quadrúpedes subnaturalistas, cuja integração na Arte Atlântica em sentido restrito, também poderá questionar-se (Bettencourt, 2017). O arco e flecha da Fraga Marcada associa-se a reticulados complexos e a outras eventuais armas (punhais ou pontas de lança e, talvez, alabardas). Há, também, a associação de punhais a figuras antropomórficas subnaturalistas, como é o caso do Penedo do Matrimónio, em Mon-

talegre. Isolado, encontra-se, apenas, o punhal da Galga, em Ponte de Lima.

Assim, nesta área do Noroeste, tendo em conta a ampla cronologia das representações de armas, a sua distribuição espacial e a falta óbvia da sua articulação com a Arte Atlântica consideramos estes motivos como manifestações de uma cosmogonia que terá surgido posteriormente àquele mundo estilístico<sup>6</sup>. Esta hipótese, defendido em sínteses sobre a Idade do Bronze do Noroeste português (Bettencourt, 2009, 2013a) e sobre a arte rupestre desta região (Bettencourt, 2017), difere da que foi proposta por Alves (2014, p. 42) onde defender que “a representação de armas metálicas deve considerar-se um evento episódico na longa história de vida da Arte Atlântica do noroeste peninsular” e que “o ‘culto das armas’ que emerge da primeira metalurgia associa-se estreitamente ao simbolismo da Arte Atlântica no noroeste peninsular. Aqui, as gravuras de armas integram-se na linguagem simbólica e cénica numa óptica de continuidade”.

De destacar, em abono da hipótese agora defendida, o aparecimento de armas gravadas no Nordeste transmontano, onde a iconografia atlântica não é conhecida. Tal é o caso das alabardas da Pedra Escrita de Ridevides<sup>7</sup>, em Alfândega da Fé (Abreu, 2012, p. 110), e da alabarda e punhais de Vale Figueira 11, em Torre de Moncorvo (Figueiredo, 2013). De salientar, ainda, os punhais de morfologia mais antiga de Molelinhos, Tondela (Russel Cortez, 1955; Gomes e Monteiro, 1976/1977; Cunha, 1991), na bacia do Mondego, lugar onde se gravaram armas até à Idade do Ferro. Assim, as armas, tanto parecem materializar o papel simbólico e social de novos lugares, de novas “estórias” e de novos mitos, como podem constituir-se como agentes ativos na reinterpretção ou integração simbólica do passado, no caso de se localizarem em afloramentos previamente gravados ou nas suas proximidades (Bettencourt, 2009, 2013a, 2017).

6. Para a Galiza a controvérsia é grande. Há autores que consideram as armas vinculadas com a Arte Atlântica (Fábregas *et al.*, 2009), enquanto outros, como Santos-Estévez (2012), que apesar de as datarem numa cronologia curta (entre os finais do 3º e inícios do 2º milénios a.C.), as afastam deste estilo artístico.

7. Apesar das armas representadas na Pedra Escrita de Ridevides e em Molelinhos terem sido gravadas através da técnica filiforme, não se considera que tal corresponda a um novo grupo estilístico (Baptista, 1983-1984; 1986b).

Santos-Estévez *et al.* (2017) defendem, para as armas gravadas durante o Bronze Inicial (alabardas e punhais), várias interpretações, usando a divisão metodológica de armas em posição ativa e passiva. Os autores consideram a hipótese de que, no caso das armas em posição passiva (em superfícies horizontais ou com os gumes virados para o solo), estas poderão representar, metaforicamente, deposições ou oferendas às “divindades” ou aos espíritos dos lugares. Já as armas em posição ativa (com os gumes voltados para o espaço celeste), poderão materializar lugares de agregação onde se consolidam laços de identidade entre grupos da mesma comunidade (Santos-Estévez e Güimil Fariña, 2015), mas, também, lugares onde se realizariam cerimónias de evocação ou invocação de espíritos ou divindades celestes (Santos Estévez *et al.* 2017).

É provável que o ato de gravar e as cerimónias a ele associadas estivessem articulados com outros ritos onde a dádiva é significativa, como é o caso dos depósitos metálicos, que, por vezes, se realizaram em concavidades de afloramentos gravados, tal como Alves e Comendador (2009) destacaram. Contudo, só um estudo holístico de interrelação de todos os lugares da Idade do Bronze com aqueles onde ocorrem deposições de objetos metálicos (depósitos, túmulos e povoados), poderá permitir uma melhor interpretação dos diferentes sentidos da metalurgia do cobre e do bronze, no contexto das paisagens simbólicas da Idade do Bronze.

## 2.2. Ferramentas

Sob esta designação inclui-se um grupo diversificado de objetos, como os machados (que poderiam ter servido como armas) e as foices que ocorrem em diferentes contextos e, provavelmente, em cronologias distintas.

Os machados planos, encabados transversalmente, apesar de raros, aparecem gravados quer em afloramentos com arte de tradição esquemática quer associados a imagéticas proto-históricas. No primeiro caso registam-se no Fieiral 2, Melgaço (Bettencourt e Rodrigues, 2014) (Fig. 1) e no Outeiro Machado 1, Chaves (Santos Júnior, 1978). No segundo, ocorrem na Laje da Churra (Santos, 2014), um afloramento cuja maioria de motivos se inserem na proto-história (Bettencourt, 2017). De notar que há similitude entre estes machados e os que foram gravados em algumas estelas alentejanas, datáveis do Bronze Inicial e Pleno (Díaz-Guardamino, 2010) ou

do Bronze Médio (Gomes, 2006), como, por exemplo, a do Assento / Santa Vitória, Beja, onde também ocorre uma alabarda (Viana e Ribeiro, 1956). Neste sentido é possível que os raros machados gravados no Noroeste correspondam a uma simbólica que se tenha expandido de sul para norte, já durante o Bronze Inicial, momento em que se deverão ter intensificado contactos suprarregionais entre estas duas regiões devido à necessidade de abastecimento de cobre por parte das populações do norte.

Outras “ferramentas” gravadas foram as foices, raras, que tanto aparecem isoladas, como no caso do Penedo do Podão, Montalegre (inédito), como associadas a outras ferramentas e armas, como em Molelinhos, Tondela, um afloramento com longa diacronia (Cunha, 1991). Pelos paralelos com as foices encontradas nos depósitos de artefactos metálicos estes objetos ter-se-ão gravado durante o Bronze Final.

Sintetizando podemos considerar que a gravação daquilo que se interpreta como “ferramentas”, foi realizado, pelo menos, a partir do Bronze Inicial / Médio até ao Bronze Final.

## 2.3. Círculos segmentados internamente

Os círculos segmentados internamente, normalmente subdivididos em quatro partes, tendo, por vezes, um sulco reto ou curvo, adossado pelo exterior, aparecem isolados ou em afloramentos com Arte Atlântica em *stricto sensu*, com Arte Esquemática (gravada ou pintada), com quadrúpedes subnaturalistas ou com outros motivos, raros, e que poderão ser seus contemporâneos.

Em associação com motivos de arte atlântica, ocorrem, por exemplo, de norte para sul, na Laje das Fogaças<sup>8</sup>, Caminha (Viana, 1929, 1960; Novoa e Costas Goberna, 2004); em Figueiró 1 (Viana, 1960); na Breia 1 (Bettencourt, 2013a), ambos em Viana do Castelo; na Pedra da Costa, Arcos de Valdevez (Baptista, 1986a; Sá, 2015); no Crastoeiro 2, Mondim de Basto (Dinis e Bettencourt, 2009; Dinis, 2014); no Outeiro dos Riscos 1, Vale de Cambra (Souto, 1932, 1938; Alves, 2003; Bettencourt *et al.*, 2014). Em associação com a arte esquemática encontramos-os na fronteira norte de Portugal, no Fieiral 2, Melgaço<sup>9</sup>

8. Pela concepção de arte atlântica usada pela signatária, este afloramento apenas apresenta uma espiral que se poderá enquadrar neste estilo, sendo os demais motivos atribuíveis a outras gramáticas figurativas.

9. Na área onde foi gravado um machado encabado.

(Bettencourt e Rodrigues, 2013) (Fig. 1); no Gião, Arcos de Valdevez (Baptista e Lima 2002, *in* Abreu 2012: 248); em Lamelas, Ribeira de Pena (Sanchez e Gomes, 2017); no Outeiro Machado 1 (Santos Júnior, 1978) e na rocha 11 do Fial I, Tondela (Santos, 2008), já na bacia do Mondego. Ocorrem, ainda, na Breia 5, Viana do Castelo, associados a cavalos sub-naturalistas (inéditos). Na Laje da Churra (Santos, 2014) associam-se a inúmeros motivos que se afastam da Arte Atlântica ou Esquemática (Figura 2). Isolados, encontram-se em Arga de Cima, na Serra de Arga, em Caminha, adjacentes a afloramentos gravados com um reticulado e um motivo de tipo bastão (Figura 2).

Trata-se, pois, de um motivo que, pela posição periférica que ocupa face aos de arte atlântica ou de tradição esquemática, se pode considerar tardio, com origem provável na Idade do Bronze Médio ou Final e representando, mais uma forma de assimilação ou integração simbólica dos lugares dos antepassados (Bettencourt, 2013a, 2017).

De salientar que ocorre, fundamentalmente, em áreas ricas em estanho, o que poderá considerar-se como um dado mais para o vincular com a Idade do Bronze.

Motivos similares representam rodas de carros nas estelas do Sudoeste (Almagro Basch, 1966) atribuíveis ao Bronze Final. Este motivo também ocorre num pendente, em bronze, proveniente das ocupações do Bronze Final, inícios da Idade do Ferro do povoado de S. Estevão da Facha, Ponte de Lima (Almeida *et al.* 1980). É possível que tenha persistido até à Idade do Ferro atendendo ao facto de aparecer gravado no interior da Pedra Formosa do balneário sul de Briteiros, Guimarães (Cardoso, 2015).

O seu significado poderá ser múltiplo. Se a sua forma lembra uma roda, o que, naturalmente, implica carro e movimento, é provável que possa associar-se ao movimento do ciclo solar, neste caso significando, metaforicamente, o carro solar. Nesta perspetiva, reveste-se de especial interesse a disposição espacial destes motivos na Laje da Churra (Santos, 2014), onde os círculos segmentados se concentram, em grande número, a nascente do afloramento, como se simbolizassem a força que as “rodas/carros” ou os “carros solares”, necessitariam para fazer nascer o sol por detrás dos cumes da serra de Santa Luzia. Sensivelmente, a meio deste afloramento, num patamar alto e horizontalizado, encontra-se o maior círculo segmentado, como se simbolizasse o mo-

mento em que o astro se encontra na fase de maior magnitude. De notar que na arte rupestre da Idade do Bronze da Escandinávia este motivo é, também, interpretado como sendo a representação do sol, o qual é usualmente associado a barcos que transportam o sol na sua jornada solar (Kristiansen, 2010).

#### 2.4. Barquiformes

Este motivo, até há pouco tempo, conhecido apenas na costa da Galiza (Alonso Romero, 1976; 1995, 2011; Novoa 1995; Costas Goberna *et al.*, 1995; Costas Goberna e Peña Santos, 2006; Verde Andrés e Costas Goberna, 2009; Costas Goberna e Peña Santos, 2011; Rey Silva, 2014) foi, recentemente, encontrado no norte de Portugal (Bettencourt 2013a; Santos, 2013, 2014). Tendo em conta a diversidade de motivos que se podem incluir nesta designação estes foram subdivididos em barquiformes com mastro e em barquiformes de tipo canoa (Santos, 2014). São abundantes na Laje da Churra, existindo alguns deles com representações estilizadas do que parecem marinheiros, remos, quilhas e eventuais redes de pesca (Santos, 2014). Foram inseridos na Idade do Bronze, tendo em conta a identificação do que parece ser uma alabarda dentro de um barquiforme (Santos, 2014). Neste afloramento, onde apenas ocorrem escassas espirais, inseríveis na arte atlântica, os barquiformes associam-se a diversos motivos atípicos deste grupo estilístico, como círculos segmentados, quadrúpedes esquemáticos, alguns cavaleiros, um reticulado, paletas de diversas tipologias, entre outros (Figura 3). Existem barquiformes, similares aos da Laje da Churra, na Eira do Louvado, Viana do Castelo (Bettencourt e Santos, 2014; Bettencourt, 2017) e em St. Adrião (Bettencourt, 2017; Santos-Estévez e Bettencourt, 2017) (Figura 3). Fora da área litoral foi identificado um barquiforme de tipo canoa, na Bouça da Miséria, Guimarães (Cardoso, 2015: 236), inserido na Idade do Bronze, inícios da Idade do Ferro (Figura 3).

Pela distribuição litoral da maioria dos barquiformes em estudo, e pela gramática decorativa que os acompanha ou que existe em afloramentos nas suas proximidades, coloca-se a hipótese de que são representações que surgem desde a Idade do Bronze (Bettencourt 2013a, 2013b; Santos 2014), momento, a partir do qual, se incentivam os contactos suprarregionais com os mundos atlânticos e mediterrânicos. Neste sentido cabe perguntar se seriam gravuras realizados por populações indígenas ou

se, pelo contrário, teriam sido gravadas por forasteiros, perto dos locais onde teriam desembarcado<sup>10</sup>. Nesse caso e dada a presumível interação com os indígenas, seria admissível que tivessem escolhido lugares previamente gravados e de grande significação colectiva local, para aí materializar os seus ritos ou invocações, no que talvez se possam interpretar como fenómenos de sincretismo. Neste caso corresponderiam a novos ideogramas que se associariam à arte proto-histórica local, provavelmente com sentidos similares.

As embarcações representadas correspondem a um meio de transporte que possibilita a viagem entre diferentes pontos, por rio ou por mar. Os barcos também navegam entre mundos cultural e fisicamente distintos. Nesta perspetiva parece possível que este motivo se possa interpretar como um ideograma que expresse a viagem, não apenas em sentido literal mas, também, metafórico e ou mítico. Neste sentido, poderão simbolizar diversas viagens experienciadas por determinadas comunidades, como, por exemplo, as que ocorrem entre o nascimento e a morte, com os seus diferentes ritos de passagem, as que ocorrem para além da morte ou, até, viagens relacionadas com o mundo dos astros, como por exemplo, narrativas míticas relacionadas com a jornada solar.

A barca como metáfora de comunicação ou de viagem, da travessia ou da interligação entre mundos tem sido defendida por vários autores, não raro associada à morte, como é o caso da barca dos mortos, no Egito (Chevalier e Gheerbrant, 1982, entre outros) ou à “viagem” solar, na Escandinávia (Kristiansen e Larsson, 2006; Kristiansen, 2010).

Face à associação de alguns barquiformes com covinhas ou círculos sobre o mastro (representações solares?), como é o caso da Laje da Churra, da Eira do Louvado e de St. Adrião, cabe perguntar se não estaremos face a representações da mitologia nórdica aqui gravadas por navegantes atlânticos? De notar que se tem vindo a defender a presença de contactos entre a Ibéria e a Escandinávia, durante a Idade

---

10. De destacar que estes barquiformes se distribuem no litoral norte, entre Caminha e Viana do Castelo, nas proximidades de baías arenosas passíveis de terem sido usadas para o desembarque. Referimo-nos às baías que correspondem às praias do Forte de Paçô, de Arda, de Afife e de Vila Praia de Âncora, resguardadas, ainda, durante a Idade Moderna, por várias fortificações.

do Bronze, nomeadamente durante o Bronze Final, com base em dados arqueológicos e arqueométricos (Ling e Stos-Gale, 2015).

## 2.5. Paletas e objetos similares

O termo paleta corresponde a uma diversidade de objetos, cuja parte superior pode ter contorno quadrangular, retangular, circular ou oval, e a parte inferior corresponde a um cabo com diferentes características. Este pode ser perpendicular ou curvo em relação ao corpo do objecto e ter terminação pontiaguda, horizontal, circular ou irregular (Fig. 4). A tipologia deste grupo de objetos está por fazer, assim como a distribuição espacial e a inter-relação de cada tipo com outros motivos. É possível que existam subtipos de diferentes cronologias, bem como diferentes interpretações. A este propósito Abreu (2012: 525) questiona-se se poderão ser “*wooden work shovel, small ritual objects to collect the ashes of the dead, bronze mirrors, or “all of these”*”.

Como hipótese de trabalho considera-se que as paletas circulares poderão corresponder a espelhos, pela sua similitude com estas representações nas estelas do “sudoeste ou extremenhas”, inseríveis no Bronze Final, como é o caso das estelas de Telhado, Fundão<sup>11</sup>; da Pedra da Atalaia I, Celorico da Beira (Díaz-Guardamino, 2010); do Baraçal II, Sabugal (Santos *et al.*, 2011); de São Martinho II, Castelo Branco (Gomes e Monteiro, 1977); do Ervidel II, Beja (Gomes e Monteiro, 1977), entre outras.

Já as paletas semi-ovais, ovais e quadrangulares de cantos arredondados assemelham-se às navalhas de barbear do Bronze Final Ibérico, conforme paralelos encontrados na área da necrópole de Caldas de Monchique (Viana *et al.*, 1948, 1950), no depósito de Huerta de Arriba, Burgos, e no exemplar de Nules, Castellón (Santa Olalla, 1942). Ao ser assim, a maioria destes motivos seria do Bronze Final e corresponderia a influências mediterrânicas e continentais inseríveis no reportório iconográfico do Noroeste. Talvez por esse motivo sejam raros e mais frequente na área oriental, o que corresponderia à sua via de penetração terrestre e fluvial (Figura 4).

Apesar de raras, ocorrem tanto em processos de adição com arte atlântica ou esquemática, como em associação com iconografias estranhas a estes grupos estilísticos. Em adição à arte atlântica, paletas

---

11. *Boletim Informativo dos Sócios da Sociedade de Trebaruna*, 1 (1), (2012): 3.

circulares e quadrangulares, encontram-se representadas em Campelo 1, Mondim de Basto (Dinis, 2011) onde se interligam, através de sulcos largos e profundos, sobrepondo-se, nitidamente, aos motivos circulares e provocando uma reordenação do espaço gravado (Fig. 5). Em processo de adição à arte esquemática encontram-se no Fieiral 2, Melgaço (Bettencourt e Rodrigues, 2013), de forma dispersa pela superfície da rocha, onde, por vezes, se sobrepõem, parcialmente, a motivos anteriores, nomeadamente a antropomorfos. O mesmo parece acontecer no Chã da Rapada, Ponte da Barca (Martins, 2006; Alves, 2012; Bettencourt, 2013a) e, talvez, em Cabanas, Fafe (Sampaio e Garcia Diez, 2000). A associação destes motivos a reportórios inovadores está bem patente na Laje da Churra (Santos, 2014) (Fig. 12); em Campelo 3, Mondim de Basto (Dinis, 2011) e na Sobidade, Vale de Cambra (Rodrigues *et al.*, 2014). Por fim, de salientar o caso do Outeiro Machado 1 (Santos Júnior, 1978), onde grande diversidade de paletas se associam a motivos inseríveis na Arte Esquemática Tardia (Bettencourt, 2017), entre outros proto-históricos, como os círculos segmentados (Figura 5).

A interpretação deste signo é problemática, podendo, caso correspondam a lâminas de barbear e/ou espelhos, relacionar-se com cerimoniais associados com o tratamento privilegiado do corpo, certamente vinculado apenas com alguns elementos da sociedade com poder para os manipular e gravar. Também é de questionar se, no Noroeste, as superfícies do afloramentos gravados com “estes” motivos, não poderiam desempenhar a mesma função do que as estelas extremenhas ou os depósitos onde estes artefactos se encontram?

### 2.6. Podomorfos

Os podomorfos humanos e animais são raros na região em estudo. Podomorfos de animais, provavelmente de bovinos (pela forma e dimensões), associados a covinhas, apenas foram registados na Senhora da Laje 2, em Arouca (Silva *et al.*, 2009), na área meridional do Noroeste português. No entanto estes motivos podem aparecer na Galiza, pelo que a sua área de extensão é vasta. Já os podomorfos humanos (de um ou de ambos os pés) correspondem a motivos diversificados em termos formais e de dimensões díspares que se inserem numa tradição iconográfica distinta das Artes Atlântica e Esquemática, podendo ocorrer como elemento intrusivo (adições

ou sobreposições) em cada um destes “estilos” ou isolados (Figura 6), sendo, portanto mais recentes.

Em termos cronológicos os podomorfos de bovino deverão inserir-se na Idade do Bronze, tendo em conta a laje/estela, gravada com esse motivo, encontrada no monumento funerários sob *tumulus* de Monte Calvo / Lousedo 1, Arouca, inserível nessa cronologia (Sá, 2014), a escassos quilómetros da Senhora da Laje 2. Terão ambos os locais conotação funerária ou corresponderão a diferentes significados no âmbito de um universo simbólico mais complexo?

Quanto aos podomorfos humanos é provável que surjam, também, na Idade do Bronze Inicial ou Médio, e perdurem até à Idade do Ferro Recente. De destacar, em abono desta hipótese, a representação de um par de podomorfos descalços ou de sandálias nas estelas de Gomes Aires, Almodóvar, Beja (Almagro Bash, 1966) e de Ervidel 1 (Gomes e Monteiro 1977, Gomes, 2006) datáveis do Bronze Inicial ou Pleno (Guadarmino, 2010). Quanto ao seu término, há que salientar o facto de que, só durante a fase de romanização do povoado de Briteiros, em Guimarães, um dos afloramentos gravado com este motivo foi partido (Cardoso, 2015, p. 182).

O significado dos podomorfos tem suscitado ampla discussão e diversas interpretações embora deva considerar-se a hipótese de que possam ter diferentes interpretações consoante o período em que foram gravados, as suas características, número, dimensões, orientação e associação com outros motivos. De um modo geral interpretamo-los como ideogramas que indicam a chegada e a partida de seres, humanos e/ou míticos, a determinados lugares de grande significação simbólica.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das premissas assumidas sobre as artes atlântica e esquemática serem passíveis de discussão, elas revelaram-se operativas em termos científicos pois permitiram, ainda que provisoriamente, individualizar uma iconografia proto-histórica estranha àquelas expressões artísticas, embora a sua individualização como estilo seja precoce, dado o estado embrionário da investigação. Nesta inserem-se símbolos de ampla expressão espacial, existentes, igualmente fora da região em estudo, inseríveis, cronologicamente, na Idade do Bronze, alguns deles, com provável persistência durante a Idade do Ferro.

Durante o Bronze Inicial o Noroeste teria assistido

à emergência de uma nova ideologia no âmbito da qual, pelo menos a gravação de alabardas e de alguns punhais e, talvez, de alguns podomorfos, se assume como importante para marcar determinados lugares *ex-nihilo* e integrar política, social e religiosamente os antigos lugares dos antepassados, num contexto mais alargado de ocupação e de incorporação do território que passa, igualmente, pela deposição de armas em novos e velhos túmulos. Legitimada a ocupação física e simbólica deste território, esta prática parece deixar de fazer sentido durante várias gerações, até que, algures no Bronze Médio, talvez na primeira metade do 2º milénio a.C.<sup>12</sup>, mas, sobretudo, no Bronze Final, novo reportório de artefactos e de ideias, de origens meridional, continental e atlântica, entram em circulação no Noroeste. Este terá sido assimilado pelas populações locais, de forma assimétrica, ou corresponder, nalguns casos, a manifestações de populações forâneas, o que explicaria a relativa raridade de alguns destes motivos num espaço geográfico tão vasto. Referimo-nos a novas armas (espadas e pontas de lança), a “ferramentas” (machados (?) e foices), a eventuais objetos de *toilette* (espelhos e navalhas), a motivos abstratos (círculos segmentados), a prováveis escudos, e aos barquiformes. Ao comprovar-se que as paletas representariam espelhos e navalhas, tal poderia vincular-se com a expansão de um novo sistema de valores associado a uma nova cultura do corpo por parte de novas entidades sociais em afirmação (Treherne, 1995; Sørensen, 1997), provavelmente com funções simultaneamente políticas e religiosas. Este fenómeno, comum em várias áreas da Europa, verifica-se, também, na fachada mais ocidental da Ibéria, a partir do Bronze Final, como se depreende do achado de pinças, pentes, navalhas e espelhos em depósitos metálicos, contextos funerários, povoados ou representados nas estelas do Sudoeste (Vilaça, 2009; Ruiz-Galvez Priego, 2013, entre outros). De igual modo, a associação de círculos segmentados com um machado (Fieiral 2), com barquiformes (Laje da Churra), aparentemente distintos dos representados no mundo mediterrânico, e com cavalos

---

12. De notar que a metalurgia do bronze, no Sudoeste ibérico, é conhecida desde o segundo quartel do 2º milénio a.C. (Valério *et al.*, 2014b) e fabricada, pelo menos, no 3º quartel do 2º milénio a.C. (Valério *et al.*, 2014a) o que poderá explicar novos fluxos de intercâmbio entre o sul e o noroeste ibérico, na procura de estanho.

(Breia 1 e 5), na área mais litoral do noroeste português, lembra iconografias da Idade do Bronze interpretadas noutras áreas da Europa atlântica como estando associadas à mitologia solar (Kristiansen e Larsson, 2006; Fredel, 2010; Kristiansen, 2010). Em suma, durante a Idade do Bronze do Noroeste, parece ter existido uma nova iconografia que, ora se articula com lugares gravados mais antigos (através da adição de novos e da alteração de velhos motivos), em fenómenos de integração, reordenação e sincretismo com o passado, ora se manifesta em composições originais. Tal amplia o número de lugares significantes da Idade do Bronze que deveriam estudar-se em rede com outros lugares, na presunção de que cumpririam papéis distintos mas interligados, no quadro de uma nova estruturação da paisagem.

**Apoios:** Trabalho realizado no âmbito dos projetos *Natural Spaces, Architecture, Rock Art and Depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from Actions to Meanings* (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo COMPETE e FEDER, e *Rock Art of the Northwest Iberia. Liminality and Heterotopy* (SFRH/BSAB/114296/2016), financiado pela FCT.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maria Emília (1976) – *Rock-Art in Portugal: History, Methodology and Traditions*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

ALONSO ROMERO, Fernando (1976) – *Relaciones Atlánticas Prehistóricas entre Galicia y las Islas Británicas*, Vigo.

ALONSO ROMERO, Fernando (1995) – La embarcación del petroglifo Laxe Auga dos Cedros (Pedornes, Santa Maria de Oia, Pontevedra). *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*, Vigo, 1993. Vol. 2. Vigo: Municipio de Vigo, pp. 137-145.

ALONSO ROMERO, Fernando (2011) – Las embarcaciones prerromanas del área atlántica europea. *Anuario Brigantino*, 34, pp. 93-158.

ALMAGRO BASCH, Martín (1966) – *Las Estelas Decoradas del Suroeste Peninsular*. Madrid: CSIC.

ALMEIDA, Carlos Alberto F.; SOEIRO, Teresa; ALMEIDA, Carlos Alberto B.; BAPTISTA, António J. (1980) – Escavações arqueológicas em Santo Estevão da Facha. *Arquivo de Ponte de Lima*, 3, pp. 3-90.

ALVES, Lara B. (2003) – *The Movement of Signs. Post-Glacial Rock Art in North-western Iberia*. Reading: University of Reading.

- ALVES, Lara B. (2012) – *Génio e Talento do Passado. A Arte Gravada do Penedo do Encanto e da Chã da Rapada*. Viseu: ADERE-PG / Arqueohoje, Lda.
- ALVES, Lara B. (2013) – Gravuras rupestres do Monte da Laje, Gandra, Valença. In BETTENCOURT, Ana M. S. *A Pré-história do Noroeste Português*, Tomar/ Braga: CEIPHAR/ CITCEM, pp. 191-194.
- ALVES, Lara B. (2014) – Intermittências: a arte e a Idade do Bronze no ocidente peninsular. *A Idade do Bronze em Portugal: os Dados e os Problemas* (Antrope, série monográfica, nº 1). Tomar: IPT, pp. 15-51.
- ALVES, Lara B.; COMENDADOR, Beatriz (2009) – Rochas e metais para além da físico-química. In BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Lara B. eds. – *Dos Montes, das Pedras e das Águas. Formas de Interação com o Espaço Natural da Pré-história à Actualidade*. Braga: CITCEM/APEQ, pp. 37-54.
- BAPTISTA, António M. (1983-1984) – Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. *Portugalia*, 34, pp. 71-88.
- BAPTISTA, António M. (1986a) – Adenda à notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1-D (Arcos de Valdevez) – Arqueologia, *Terra de Val de Vez*, 9, pp. 97-116.
- BAPTISTA, António M. (1986b) – Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstração. *História da Arte em Portugal*. vol.1. Lisboa: Alfa, pp. 31-55.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2009) – A Pré-história do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze. In PEREIRA, Paulo coord. – *Minho. Traços de Identidade*, Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, pp. 70-113.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2013a) – *A Pré-história do Noroeste Português*, Tomar/Braga: CEIPHAR/CITCEM.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2013b) – O Bronze Final no Noroeste português. Uma rede complexa de lugares, memórias e ações. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, pp. 145-162.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2017) – *O Sentido das Pedras. Pensando a Arte Rupestre do Noroeste*, Braga: Lab2PT.
- BETTENCOURT, Ana M. S.; RODRIGUES, Alda (2013) – A arte rupestre do Fieiral, Castro Laboreiro, Melgaço. In BETTENCOURT, Ana M.S. *A Pré-história do Noroeste Português*, Tomar/Braga: CEIPHAR/CITCEM, pp. 132-138.
- BETTENCOURT, Ana Maria S.; SANTOS, Ana C. (2014) – Eira do Louvado. In Ana M.S. BETTENCOURT e ABAD-VIDAL, Emilio eds. – *CVARN – Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português*, (www.cvarn.org).
- BETTENCOURT, Ana Maria S.; SANTOS-ESTÉVEZ, M. (2014) – Santo Adrião 1. In Ana M.S. BETTENCOURT e ABAD-VIDAL, Emilio eds. – *CVARN – Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português*, (www.cvarn.org).
- BETTENCOURT, Ana M.S.; SIMÕES, Pedro P.; RODRIGUES, Alexandre (2014) – Outeiro dos Riscos 1, In Ana M.S. BETTENCOURT e ABAD-VIDAL, Emilio eds. – *CVARN – Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português*, (www.cvarn.org).
- BETTENCOURT, Ana M.S.; SANCHES, Maria de Jesus; DINIS, António; CRUZ, Carlos (2004) – The rock engravings of Penedo do Matrimónio in Campo de Caparinho. *Journal of Iberian Archaeology*, 6, pp. 61-82.
- CARDOSO, Daniela (2015) – *Arte Atlântica do Monte de S. Romão (Guimarães) no Contexto da Arte Rupestre Pós-paleolítica da Bacia do Ave, Noroeste Português*, Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (1982) – *Dictionnaire des symboles: mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Paris: Robert Laffont / Jupiter.
- COSTAS GOBERNA, Fernando Javier; PEÑA SANTOS, António de La (2006) – Los barcos de los petroglifos de Oia. Los tesoros del hechicero y una nueva embarcación. *Glaukopis*, 12, pp. 277-292.
- COSTAS GOBERNA, Fernando Javier; PEÑA SANTOS, António de La (2011) – *Los Barcos de los Petroglifos de Oia. Embarcaciones en la Prehistoria Reciente de Galicia*, Vigo.
- COSTAS GOBERNA, Fernando Javier; NOVOA, Pablo; SANROMÁN, José A. (1995) – Sta Mª de Oia. Us grabados rupestres. Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología, Vigo 1993. Vol. 2, Vigo: Municipio de Vigo, pp. 131-135.
- CUNHA, Ana L.; SILVA, Eduardo Jorge L. (1980) – Gravuras rupestres do concelho de Valença. Montes dos Fortes (Taião), Tapada do Ozão, Monte da Laje. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Vol. 2, Guimarães, pp. 121-131.
- CUNHA, Ana L. (1991) – Estação de arte rupestre de Molelinhos. Notícia preliminar, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990)*, Lisboa, pp. 253-258.
- DÍAZ GUADARMINO, Marta (2010) – *Las Estelas Decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*, Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- DINIS, António (2011) – O santuário rupestre de Campelo, Mondim de Basto (Norte de Portugal). *Oppidum*, 5, pp. 11-26.
- DINIS, António (2014) – Crastoeiro 2. In BETTENCOURT, Ana M.S. e ABAD-VIDAL, Emilio eds. – *CVARN – Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português* (www.cvarn.org).
- DINIS, António; BETTENCOURT, Ana M. S. (2009) – A Arte Atlântica do Crastoeiro (Noroeste de Portugal): contextos e significados, *Gallaecia*, 28, pp. 41-47.
- FÁBREGAS, Ramón; RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos; RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, E. (2009) – Representacións de armas no interior de Galicia (comarca de Deza, Pontevedra). Unha reflexión sobre a distribución e cronoloxía destes motivos, *Gallaecia* 28: 49-68.

- FIGUEIREDO, Sofia (2013) – *A Arte Esquemática do Nordeste Transmontano: Contextos e Linguagens*, Braga. Universidade do Minho.
- FREDELL, Åsa C. (2010) – A mo(ve)ment in time? A comparative study of a rock-picture theme in Galicia and Bohuslän. In FREDELL, Åsa C.; KRISTIANSEN, Kristian, CRIADO, Filipe eds. – *Representations and Communications. Creating an Archaeological Matrix of Late Prehistoric Rock Art*. Oxford / Oakville: Oxbow, pp. 52-74.
- GOLDHAHN, Joakim (2014) – Engraved biographies: Rock art and the life-histories of Bronze Age objects, *Current Swedish Archaeology*, 22, pp. 97-136.
- GOMES, Mário V. (2004-2005) – A hierogamia do Penedo do Matrimónio (Montalegre, Vila Real). *Arqueologia & História*, 16-17, pp. 51-63.
- GOMES, Mário V. (2006) – Estelas funerárias da Idade do Bronze Médio do Sudoeste Peninsular – A iconografia do poder. *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*. (O Arqueólogo Português – Suplemento 3). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 47-62.
- GOMES, Mário V.; MONTEIRO, Jorge P. (1976/1977) – A estela decorada da herdade do Pomar (Ervidel-Beja). Estudo comparado, *Setúbal Arqueológica*, 2-3, pp. 281-343.
- GOMES, Mário V.; MONTEIRO, Jorge P. (1977) – Las estelas decoradas do Pomar (Beja-Portugal). Estudio comparado, *Trabajos de Prehistoria*, 34, pp. 165-212.
- JORGE, Vítor O.; JORGE, Susana O. (1990) – Statuesmenhirs et stèles du Nord du Portugal, *Revista da Faculdade de Letras*, 7, pp. 299-324.
- KRISTIANSEN, Kristian (2010) – Rock art and religion: the sun journey in Indo-European mythology and Bronze Age rock art, In FREDELL, Åsa C.; KRISTIANSEN, Kristian, CRIADO, Filipe eds. – *Representations and Communications. Creating an Archaeological Matrix of Late Prehistoric Rock Art*. Oxford/Oakville: Oxbow, pp. 93-115.
- KRISTIANSEN, Kristian; LARSSON, Thomas B. (2006) – *La Emergencia de la Sociedad del Bronce. Viajes, Transmisiones y Transformaciones*, Barcelona: Bellaterra S.L.
- LING, Joan; STOS-GALE, Zofia A. (2015) – Representations of oxhide ingots in Scandinavian rock art: the sketchbook of a Bronze Age traveller, *Antiquity*, 89: 343, pp. 191-207.
- LORENZO-RUZA, Ramón (1951) – Petróglifos e labirintos. *Revista de Guimarães*, 61, pp. 378-393.
- LOUREIRO, Luís (2014) – Gaurca/Guarca, In BETTENCOURT, Ana M.S. e ABAD-VIDAL, Emílio eds. – *CVARN – Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português* (www.cvarn.org).
- MARTINS, Andrea (2006) – Gravuras rupestres do Noroeste Peninsular: a Chã da Rapada. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9:1, pp. 47-70.
- NOVOA, Pablo (1995) – Nuevos aportes del arte rupestre gallego, *Revista de Arqueología*, 168, pp. 6-15.
- NOVOA, Pablo; COTAS GOBERNA, Fernando Javier (2004) – La fauna en los grabados rupestres de la Ribeira portuguesa del Miño. *Boletim del Instituto de Estudos Vigueses*, 10, pp. 177-204.
- NOVOA, Pablo; COSTAS GOBERNA, Fernando Javier.; LÓPEZ, Paulino; SAN ROMAN VEIGA, José.; FERREIRA, Dora. (2006) – Gravuras rupestres pré-históricas no concelho de Valença, *Boletim Municipal*, 63, pp. 40-43.
- REY SILVA, Arturo (2014) – Nautical iconography from the Iberian Peninsula in Prehistory. In TRIPADI, Sila ed. – *Maritime Contacts of the Past: Deciphering Connections Amongst Communities*, New Delhi: Delta Book World, pp. 361-401.
- RODRIGUES, Alexandre; BETTENCOURT, Ana M.S.; SIMÕES, Pedro P. (2014) – Sobidade. In BETTENCOURT, Ana M.S. e ABAD-VIDAL, Emílio eds. – *CVARN – Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português* (www.cvarn.org).
- RUIZ-GALVEZ PRIEGO, M<sup>a</sup> Luisa (2013). – *Con el Fenicio en los Talones*, Barcelona: Bellaterra Arqueologia.
- RUSSEL CORTEZ, Fernando (1955) – Contribucion al estudio de la Protohistoria de los “Lusitani” (entre el Duero y el Tajo), *Archivo Español de Arqueología*, 28, pp. 90-101.
- SÁ, Edite (2014) – *Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na Serra da Freita, (Centro-Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho.
- SÁ, Sofia (2015) – *Turismo Arqueológico: um Projeto de Valorização da Arte Rupestre no Vale do Lima*, Braga: Universidade do Minho.
- SAMPAIO, Jorge; GARCIA DIEZ, Marcos (2000) – A arte rupestre do planalto da Lameira, Celorico de Basto e Fafe. *Revista de Guimarães*, 110, pp. 189-207.
- SANCHES, Maria de Jesus; GOMES, Nuno C. (2017) – Lamelas rock art site as a fundamental contributor to the knowledge of post glacier art in Northwestern Iberia. In BETTENCOURT Ana M.S., SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel; CARDOSO, Daniela; SAMPAIO, Hugo A. eds. – *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberia Atlantic Margin*, BAR, Oxford: Archeopress.
- SANTA-OLALLA, Julio M. (1942) – Esconderijo de la Edad del Bronce Atlántico en Huerta de Arriba (Burgos). *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 17, Madrid, pp. 127-164.
- SANTOS, Ana C. (2013) – Gravuras rupestres da Laje da Churra, Carreço, Viana do Castelo, In BETTENCOURT, Ana M.S. *A Pré-história do Noroeste Português*, Tomar/Braga: CEIPHAR / CITCEM, pp. 196-200.
- SANTOS, Ana C. (2014) – *A Laje da Churra (Carreço, Viana do Castelo). Estudo Monográfico de um Lugar Gravado*, Braga: Universidade do Minho.

- SANTOS, André T. (2008) – *Uma Abordagem Hermenêutica – Fenomenológica à Arte Rupestre da Beira Alta: o Caso do Fial (Tondela, Viseu)*. (Estudos Pré-Históricos 13). Viseu: CEPHBA.
- SANTOS, André T.; VILAÇA, Raquel; MARQUES, João Nuno (2011) – As estelas do Baraçal, Sabugal (Beira Interior, Portugal), In R. Vilaça (coord.), *Estelas e Estátuas-Menires, da Pré a Proto-História. Actas das IV Jornadas Raianas*. Sabugal: Câmara Municipal, pp. 319-342.
- SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel (2012) – Da “Arte Atlântica” no contexto europeu: conceitos, problemáticas e perspectivas – unha visión diacrónica da Arte Atlântica dentro dun novo marco cronolóxico. *Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologías de Registo* (Trabalhos de Arqueologia 54), Lisboa, pp. 226-235.
- SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel (2015) – Looking out to sea: accessibility to the coast and distribution of Bronze Age rock art. *Proceedings of XXVI Valcamonica Symposium*, 1-5. Capo di Ponte: CCSP, pp. 1-6.
- SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel; GÜIMIL FARIÑA, Alejandro (2015) – The maritime factor in the distribution of Bronze Age rock art. In P. Skolund, J. Ling, U. Bertilsson (eds.), *Picturing the Bronze Age*, Oxford: Oxbow Books, pp. 143-154.
- SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel; BETTENCOURT, Ana M.S. (2015) – *O Conjunto de Gravuras Rupestres de Santo Adrião, Caminha, Viana do Castelo. Relatório Técnico-Científico dos Trabalhos Arqueológicos Realizados em 2015*, Braga: Universidade do Minho. Relatório submetido à Direção Geral do Património Cultural-DGPC (Formato Digital – PDF).
- SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel; BETTENCOURT, Ana M. S.; CARDOSO, Hugo A.; BROCHADO, Cláudio; FERREIRA, Gonçalo (2017) – Shape and meaning. Engraved weapons as materialisations of the Calcolithic/Early Bronze Age cosmogony. In BETTENCOURT Ana M.S., SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel; CARDOSO, Daniela; SAMPAIO, Hugo A. eds. – *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberia Atlantic Margin*, BAR, Oxford: Archeopress.
- SANTOS JÚNIOR, J. (1978). – As gravuras rupestres do Outeiro Machado (Val d’Anta-Chaves), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 23:2-3, pp. 207-234.
- SILVA, António Manuel S.P., LEITE, Joana N., ROCHA, Daniela (2009) – Do espaço vivido ao espaço imaginado. Aproximações interdisciplinares à antropização dos planaltos da Freita (Arouca) do 3º ao 1º milénios a.C. In BETTENCOURT, Ana M.S.; ALVES, Lara eds. – *Dos Montes, das Pedras e das Águas. Formas de Interação com o Espaço Natural da Pré-história à Actualidade*, Braga: APEQ/ CICTEM, pp. 95-130.
- SILVA, António Manuel S.P., LEITE, Joana N.; LEMOS, P.A.P.; FIGUEIREDO, Manuel V. (2017) – Rock art places and contexts at Gralheira Massif (Central-NW Portugal): a general overview. In BETTENCOURT Ana M.S., SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel; CARDOSO, Daniela; SAMPAIO, Hugo A. eds. – *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberia Atlantic Margin*, BAR, Oxford: Archeopress.
- SILVA, Eduardo Jorge L.; CUNHA, Ana L. (1986) – As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença). *Livro de Homenagem a Jean Roche*: Lisboa: INIC pp. 490-505.
- SØRENSEN, Marie Louise S. (1997) – Reading dress: the construction of social categories and identities in Bronze Age Europe, *Journal of European Archaeology*, 5:1, pp. 93-114.
- SOUTO, Alberto (1932) – Arte rupestre em Portugal (Entre Douro e Vouga), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 5, pp. 285-300.
- SOUTO, Alberto (1938) – Arqueologia Pré-histórica do distrito de Aveiro-Arte rupestre. A insculpturas do Arestal e o problema das combinações circulares e espiralóides do Noroeste Peninsular, *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 4, pp. 5-19.
- TREHERNE, Paul (1995) – The warrior’s beauty: the masculine body and self-identity in Bronze-Age Europe. *Journal of European Archaeology* 3:1, pp. 105-145.
- VALÉRIO, Pedro; SOARES, António M. M.; ARAÚJO, Maria de Fátima; SILVA, R.J.C.; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA, Miguel (2014a) – Arsenical copper and bronze in Middle Bronze Age burial sites of southern Portugal: the first bronzes in Southwestern Iberia. *Journal of Archaeological Science*. 42:1, pp. 68-80.
- VALÉRIO, Pedro; BAPTISTA, Lúcia; GOMES, Sérgio; PINHEIRO, Rui; FERNANDES Sandrine; SOARES, António M. M.; ARAÚJO, Maria Fátima (2014b) – Malhada do Vale da Água – novos dados sobre a metalurgia do Bronze Pleno do Sudoeste, *VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Aroche-Serpa, 2013*, Huelva, pp. 576-586.
- VERDE ANDRÉS, Cándido; COSTAS GOBERNA, Fernando Javier (2009) – ¿Unha nova embarcación na costa de Oia? A singularidade da figura dun petróglifo de Mougas e outras novidades na serra da Grova (Oia, Pontevedra). *Glaucoptis*, 14, pp. 211-230.
- VIANA, Abel (1929) – As insculpturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto Minho). *Portucale*, 2:10, pp. 282-290.
- VIANA, Abel (1960) – Insculpturas rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço-Viana do Castelo, Portugal), *Boletín de la Comisión de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, 22:1-4, pp. 209-231.
- VIANA, Abel; RIBEIRO F.N. (1956) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 13:1-4, pp. 153-167.
- VIANA, Abel; FORMOSINHO, José; FERREIRA, Octávio da V. (1948) – Duas raridades arqueológicas, *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, 24, pp. 1-18.

VIANA, Abel; FORMOSINHO, J.; FERREIRA, Octávio V. (1950) – *Necrópolis de Caldas de Monchique*, Madrid.

VILAÇA, Raquel (2009) – Sobre rituais do corpo em finais do II, inícios do I milénios a.C.: do espaço europeu ao território português, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, pp. 489-511.



Figura 1– Em cima: alabarda da Costa da Areira 1 e possível escudo. Em baixo: machado de gume alargado encabado, associado a círculo segmentado.



Figura 2 – Diversos círculos segmentados encontrados na Laje da Churra, associados a eventuais paletas circulares e retangulares, zoomorfos, um antropomorfo, covinhas e um semicírculo concêntrico (seg. Santos, 2014).



Figura 3 – À esquerda: alguns barquiformes da Laje da Churra (seg. Santos, 2014). Estes associam-se a dois zoomorfos, a, pelo menos, uma paleta, entre outros motivos de difícil interpretação. O barquiforme maior tem uma covinha no topo. À direita: barquiformes de Santo Adrião, pintados sobre o suporte digital (seg. Santos-Estévez e Bettencourt, 2015, adaptado).

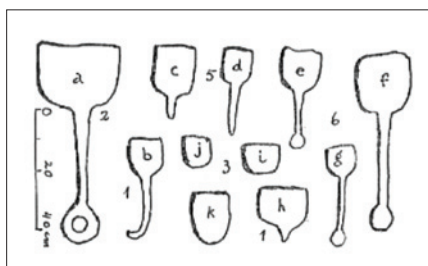


Figura 4 – Diversidade de paletas do Outeiro Machado 1, Chaves (seg. Santos Júnior, 1978, p. 225).

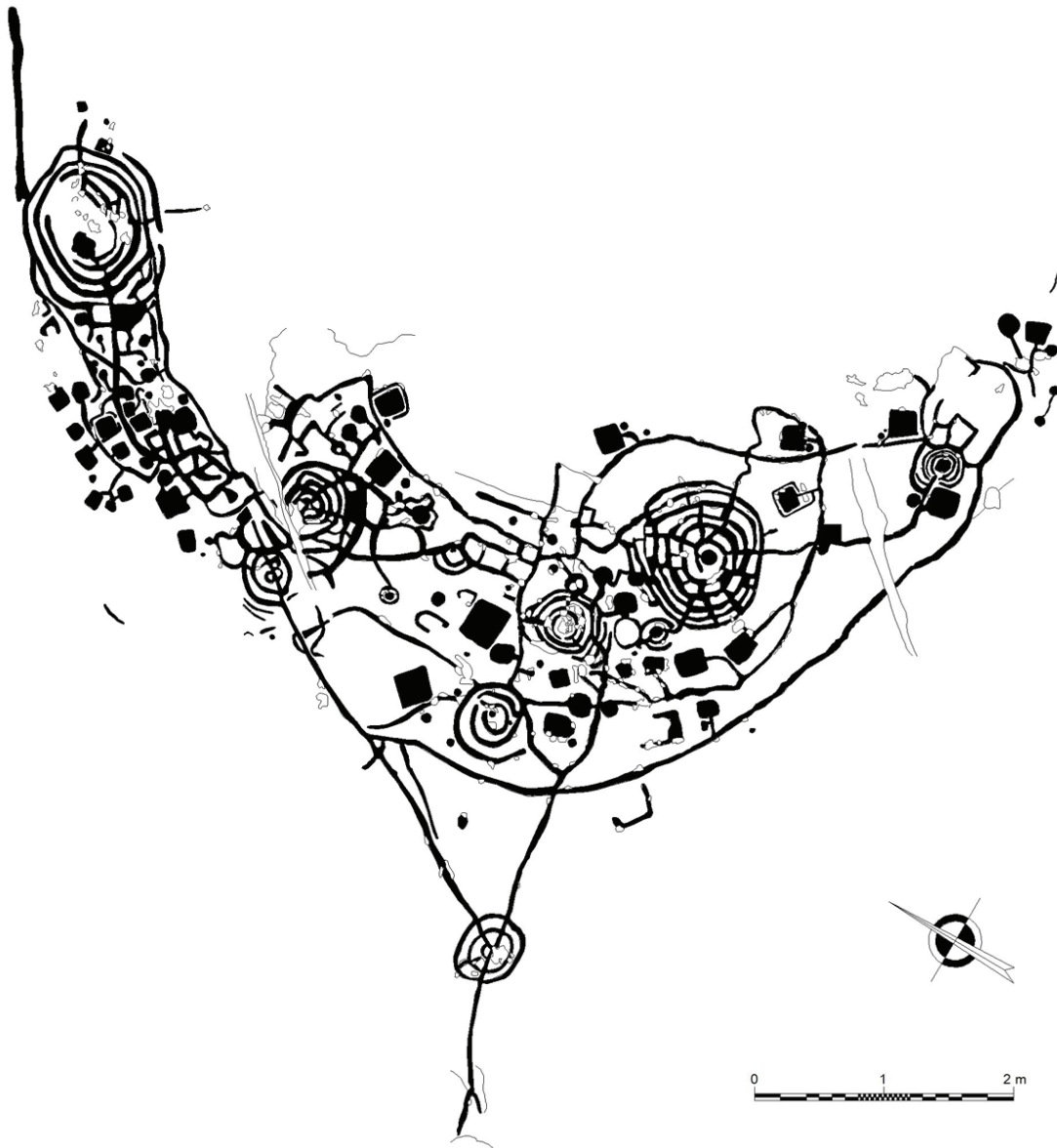


Figura 5 – Decalque de Campelo 1 com inúmeras paletas de diversos tipos, unidas por sulcos (seg. Dinis, 2011).



---

Figura 6 – Podomorfos da Quinta dos Laranjais, Guimarães (seg. Cardoso, 2015).

